

desafios e contribuições do "cinema aberto" nas escolas públicas do distrito federal

jussara souza almeida¹
alex canuto de melo²
mayara silva andrade³
valéria viana labrea⁴
maria de fátima rodrigues
makiuchi⁵
universidade de brásilia - unb

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade refletir criticamente a experiência das oficinas de cinema realizadas no âmbito do Programa Escola Aberta (PEA), oferecidas pelos bolsistas de extensão da Universidade de Brasília durante o segundo semestre de 2007 e o primeiro semestre de 2008, em escolas públicas localizadas em Brazlândia, Samambaia, Guará e Riacho Fundo II, no Distrito Federal. O cinema como tema foi sugestão dos diretores da escola e percebido pelos extensionistas como uma estratégia de inclusão da comunidade do entorno no espaço escolar. Ao propor filmes o objetivo foi aliar uma opção de diversão e acesso à cultura bem como reflexão crítica de aspectos da realidade que enfatizam modelos e valores da sociedade de consumo. Adotamos como metodologia a pesquisa-ação por entendermos que ela possibilita refletir prática e teoricamente a experiência, articulando-a aos princípios da educação popular. O exercício dessa investigação foi o ponto de partida fundamental para a realização do trabalho nas comunidades populares.

ABSTRACT

The present article has as purpose to reflect the experience of the movies workshops critically accomplished in the extent of the "Programa Escola Aberta" (PEA), offered by the grant holders of extension of the University of Brasília during the second semester of 2007 and the first semester of 2008, in located public schools in Brazlândia, Samambaia, Guará, Riacho Fundo II in Distrito Federal.

The movie as theme was the directors' school suggestion and noticed by the "extensionistas" as a strategy of the community's inclusion of I spill in the school space. When proposing films the objective it was to ally an option of amusement and access the culture to the critical reflection of aspects of the reality that they emphasize models and values of the consumption society. We adopted as methodology the "Pesquisa-ação" for we understand that culture to the critical reflection of aspects

of the reality that they emphasize models and values of the consumption society. We make possible to reflect practice and theoretically the experience, articulating it to the beginnings of the popular education. The exercise of that investigation was the fundamental starting point for the accomplishment of the work in the popular communities.

PALAVRAS-CHAVE:

Cinema. Educação popular. Pesquisa-ação Comunidade.

KEYWORDS:

Cinema. Popular Education. "Pesquisa-ação". Community.

INTRODUÇÃO

A Universidade de Brasília, criada em 1962 foi construída para romper com o modelo tradicional criado na década de 1930 e voltar-se para as transformações que o país reclamava. A UnB foi idealizada por Darcy Ribeiro com o compromisso de ser uma instância de construção do conhecimento necessário ao desenvolvimento do país. No entanto, em 1964, a ditadura instalada com o golpe militar fez da UnB uma universidade interrompida (cf. SALMERON, 2007). Sua redemocratização somente veio acontecer em 1985, quando seu projeto original aos poucos é retomado

1 Graduanda do 6º semestre de Letras Francês pela UnB, email: jussarasouza@yahoo.com.br

2 Graduando do 5º semestre de Letras Português pela UnB, email: bolinhatdo@yahoo.com.br

3 Graduanda do 5º semestre de Letras Português, email: may_andrade_@hotmail.com

4 Mestra em Educação e Gestão Ambiental, formada em Literaturas em Língua Portuguesa pela UFRGS especialista em educação ambiental e representante brasileira da Carta da Terra Internacional, email: valeria.labrea@uol.com.br

5 Orientadora e Coordenadora geral do Programa Conexão do Saberes e Escola Aberta DF, Doutora em Desenvolvimento Sustentável e professora no Instituto de Física da Universidade de Brasília, email: mariamakiuchi@uol.com.br

e seus valores, filosofia e identidade são restabelecidos. A Universidade de Brasília volta então a se comprometer com a democratização do acesso à Educação Superior e tem-se pautado pela definição e adoção de políticas e programas voltados para a maior permeabilidade, em seu corpo discente, das diferenças que caracterizam nossa sociedade. Como exemplos dessas políticas e programas, podemos citar o Programa de Avaliação Seriada (PAS), o sistema de cotas para negros, as 10 vagas reservadas em cada vestibular para indígenas, a Licenciatura em Educação do Campo, os Programas de Extensão Universitária Conexão de Saberes e Escola Aberta, entre outras políticas afirmativas.

Mas não basta permitir o acesso ao ensino superior de negros, índios e estudantes oriundos das classes populares; é preciso, ademais, garantir que esses tenham condições de permanência e de formação com qualidade. Para tanto, a universidade mantém programas sociais voltados para alunos de baixa renda.

“mas não basta permitir o acesso ao ensino superior de negros, índios e estudantes oriundos das classes populares: é preciso, ademais, garantir que esses tenham condições de permanência e de formação com qualidade.”

A experiência que começa a ser acumulada indica que a Universidade se beneficia com uma maior diversidade étnica cultural e econômica do seu corpo discente. São novos problemas, novas constatações, uma imensa criatividade e uma oportunidade surpreendente de construção do conhecimento científico, surge assim uma nova convivencialidade acadêmica, pautada pela integração dos muitos saberes. Surpreendendo-se com essa realidade onde diferentes formas de conhecimento emergem, a comunidade acadêmica da UnB pode agora, efetivamente, tomar o Brasil como seu problema, como propôs Darcy Ribeiro em seu projeto original.

Dentro dessa política universitária, o Programa Escola Aberta teve início na UnB no ano de 2007, contando atualmente com 18 estudantes de graduação de diferentes cursos, selecionados a partir de questionário e entrevistas e beneficiados com bolsas de extensão. O programa busca

acolher os estudantes, lhes destinando bolsas de extensão para que protagonizem ações de ensino/pesquisa/extensão em suas comunidades de origem. É sua tarefa também participar de atividades acadêmicas voltadas para a avaliação e proposição de políticas de acesso e permanência plena nas universidades federais direcionadas aos estudantes de origem popular, que valorizem suas trajetórias escolares e existenciais e os saberes daí decorrentes.

PROGRAMA ESCOLA ABERTA

“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensão e punição; mas participar coletivamente de um saber que vai além da pura experiência feita, que leva em conta suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em um sujeito de sua própria história.”
Paulo Freire

O programa *Escola Aberta* foi criado a partir de um acordo de cooperação técnica entre o Ministério da Educação e a UNESCO, e tem por objetivo contribuir para a melhoria da qualidade da educação, a inclusão social e a construção de uma cultura de paz, por meio da ampliação das relações entre escola e comunidade e do aumento das oportunidades de acesso à formação para a cidadania, de maneira a reduzir a violência na comunidade escolar. Este programa visa proporcionar aos alunos da educação básica das escolas públicas e às suas comunidades, localizadas em regiões urbanas de risco e vulnerabilidade social, espaços alternativos para o desenvolvimento de atividades de cultura, esporte, lazer, geração de renda, formação para a cidadania e ações educativas complementares nos finais de semana.

As oficinas oferecidas pelo PEA são frutos dos interesses da comunidade escolar e de entorno e elas buscam qualificar a formação para a cidadania e a diversidade. Elas contemplam as áreas de educação, cultura e arte, esporte e lazer, saúde, informática e trabalho e têm como objetivos a informação, a reflexão, a recreação, o entretenimento.

Já na escolha dos bolsistas fica evidente que o PEA tem uma vocação a promover e facilitar a emancipação dos grupos sociais e a formação de educadores populares, pois os critérios de seleção privilegiam os alunos oriundos de comunidades populares, cujo ingresso na universidade se deu através de políticas afirmativas e que precisam, portanto, de uma renda para permanecerem estudando.

Essa estratégia – além de garantir a permanência na universidade desses estudantes – cumpre dois objetivos que se complementam, levar os conhecimentos e práticas que a comunidade científica produz à comunidade popular, através de membros dessa mesma comunidade, ao mesmo que traz para dentro da universidade

outros saberes, revelando uma dimensão até então pouco explorada da pesquisa-ação e do processo dialógico de “ensinar-aprender”. Pretendemos, assim, apresentar sucintamente caminhos para se pensar a educação popular e uma outra escola popular possível, a partir da constituição e fortalecimento da interlocução entre escola, comunidade e universidade pública.

Entre 2007 e 2008 trabalhamos em 41 escolas públicas⁶ localizadas em 13 cidades periféricas próximas à Brasília/DF, aos sábados ou domingos. Essas cidades-satélites têm como características a pobreza e a exclusão social, pouca infra-estrutura e péssima qualidade de vida, são bolsões de violência, tráfico e roubos. As escolas estão localizadas na periferia dessas cidades já periféricas e são consideradas as mais problemáticas do Distrito Federal, pois abrigam gangues, jovens com altos índices de drogadição e problemas com sexualidade e gravidez precoce.

Normalmente as políticas públicas não chegam até essas comunidades e pessoas que não pertencem à comunidade não conseguem sequer entrar nas escolas. Por isso, uma das estratégias do PEA foi fazer com que os bolsistas retornassem às suas comunidades de origem, pois já conhecem as pessoas, mantendo relações de amizade e parentesco. Os bolsistas permitiram o acesso da UnB nessas escolas e nossas atividades e intervenções receberam contribuições e foram várias vezes reformuladas a partir da escuta dos moradores dessas comunidades. Construímos cada atividade desenvolvida de modo singular, atendendo necessidades específicas que foram sendo explicitadas e negociadas no diálogo. Esse é o sentido da nossa pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é eminentemente pedagógica e política. Ela serve à educação do cidadão preocupado em organizar a existência coletiva da cidade. Ela pertence por excelência à categoria de formação, quer dizer, a um processo de criação de formas simbólicas interiorizadas, estimulado pelo sentido do desenvolvimento do potencial humano. (BARBIER, 2002:19).

Em vez de somente levarmos os conhecimentos acadêmicos sobre o mundo, acolhemos os saberes populares e nessa relação, construímos coletivamente novos saberes que orientaram nossa prática educativa.

Este trabalho só se realiza porque existe participação coletiva: é no grupo, com o grupo e pelo grupo envolvido que as estratégias são construídas, favorecendo o “*imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana admitida, o tempo de maturação e o instante da descoberta*” (BARBIER, 2002:73).

Nossa opção metodológica, a partir da compreensão do que deve ser uma prática educativa que tenha sentido para educadores e educandos nos levou pelos caminhos da pesquisa-ação e da educação popular, tanto no que diz respeito ao nosso processo de formação na UnB,

“ em vez de somente levarmos os conhecimentos acadêmicos sobre o mundo, acolhemos os saberes populares e nessa relação, construímos coletivamente novos saberes que orientaram nossa prática educativa.

”

quanto em nossa abordagem na comunidade. Assim iniciamos um trabalho nas escolas da rede pública, propondo ações e atividades interdisciplinares a partir dos desejos e interesses da comunidade escolar.

A organização do processo de formação dos bolsistas e das atividades a serem desenvolvidas nas escolas foi uma construção que considerou as necessidades cognitivas e as lacunas teóricas dos educandos — ainda em processo de formação nos seus cursos de graduação — os objetivos do Programa e o contexto escolar no qual iríamos nos inserir. Dessa relação entre necessidade e desejo de saber, interpretamos teorias nas quais a articulação dos saberes e conhecimentos foi condição necessária para a gestão compartilhada do processo educativo.

Trabalhando com outros educadores da UnB, realizamos várias oficinas ao longo de setembro de 2007, para internalizar conhecimentos e estratégias para facilitar

6 Brasília — EC 08 e CED 02

Ceilândia — EC 62, CEF24, EC 22, EC 62, CEF 24, EC22

Guará — EC 07, CED 01, EC 07, CED 01

Núcleo Bandeirante — CEF 01 Riacho Fundo II, CED 01 Candangolândia — CEF Telebrasil

Paranoá — CEF 02

Planaltina — EC 14, CAIC Assis Chateaubriand, CEF 03, CEF 05, CEF Estância III

Plano Piloto — EC Varjão

Recanto das Emas — CEF 206, CEF 405, CEF 802, CEF 206

Samambaia — EC 317, CEF 519, CED 123, EC 316

Santa Maria — CEF 103, CEF 416, EC 316, CEF 416,

São Sebastião — CEF São José

Sobradinho — CEF 04, CED 04, CEF 07

Taguatinga — CEF 17, EC Vila Areal

nossa entrada na escola. Priorizamos o estudo da pesquisa-ação, educação popular, os princípios de sustentabilidade da Pedagogia da Terra, tipologia de valores humanos, técnicas de interação tendo como mote a arte-educação, a literatura infanto-juvenil, o cinema e técnicas de recreação. Nosso período de formação foi importante porque nele houve produção e articulação de conhecimentos necessários à prática e também porque decidimos que nossa prática e nossas atividades seriam construídas após conhecermos as escolas e a comunidade.

Compreendemos que nossa intervenção é um tipo de pesquisa-ação, porque essa metodologia obriga o pesquisador a implicar-se, nas palavras de Barbier (2002), a perceber que ele (o pesquisador) também está inserido na estrutura e que sua inserção modifica a estrutura.

Trata-se de pesquisas nas quais há uma ação deliberada de transformação da realidade; pesquisas que possuem um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações. (HUGON et alii 1988 apud BARBIER, 2002:17)

E em nosso trabalho isso é particularmente verdadeiro, na medida em que atuamos nas nossas comunidades de origem ou próximo a elas, e organizamos o trabalho junto com a comunidade, para suprir demandas específicas. Do nosso contato com a comunidade, acatamos a sugestão da direção e, após ouvir as crianças e jovens participantes, escolhemos conjuntamente o cinema como estratégia para estabelecer um espaço para refletirmos juntos sobre temas atuais que são apresentados nos filmes assistidos.

Nossas atividades e intervenções receberam contribuições e foram várias vezes reformuladas a partir da escuta sensível e do olhar do outro. Identificamos-nos com a ideia de que o sujeito que produz conhecimento, autor de sua prática e do seu discurso, interage com outros sujeitos, constituindo *um grupo-sujeito no qual interagem os conflitos e os imprevistos da vida democrática.*

Nas escolas públicas de Brazilândia, Samambaia, Guará e Riacho Fundo II organizamos um espaço chamado *Cinema Aberto* onde oferecemos programação variada voltada para o público infanto-juvenil. A arte permite que vejamos o mundo e a realidade a partir de uma linguagem esteticamente elaborada e o cinema pode vir a ser um material didático poderoso na condução de debates e reflexões em sala de aula, pois os filmes mostram o multiculturalismo e a diversidade — através de diferentes narrativas e imagens — que constituem a subjetividade, valorizando seus saberes e suas experiências e relacionando essas realidades à realidade local para detectar confluências e alteridades.

A proposta foi criarmos um espaço de intervenção artística, lúdica e educativa nesses espaços de aprendizado, envolvendo escola e comunidade. Nosso comprometimento com a educação popular — *uma educação feita com o povo, para o povo*, nas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2002) se revela na valorização da aprendizagem enquanto um processo que envolve questões que passam pela vida cotidiana às questões formais de ensino, considerando as relações comunitárias. O nosso trabalho foi o de criar uma atmosfera que consigamos nos perceber como pertencendo a uma mesma comunidade de vida, para podermos viver em um ambiente onde exista integridade ecológica, a justiça social e econômica e a paz.

É partindo dessa ideia que investimos na tentativa de compreensão de realidade que nos propomos a intervir e apresentamos um resultado — ainda parcial, pois em processo — das experiências que adquirimos com o cinema associado a outras dinâmicas, como artes plásticas, teatro, debates.

“ a organização do processo de formação dos bolsistas e das atividades a serem desenvolvidas nas escolas foi uma construção que considerou as necessidades cognitivas e as lacunas teóricas dos educandos ”

Em relação ao conteúdo dos filmes, nos questionamos: o filme precisaria ser necessariamente engajado, politicamente correto, tratando diretamente de temas como meio-ambiente ou problemas sociais? Ou o filme a ser trabalhado, em consequência de ser escolha dos participantes da oficina, poderia ser comercial? Essa escolha determina não só a participação ou não do público, como interfere na qualidade do debate. Quando definimos o público alvo — infanto-juvenil — junto com eles escolhemos o filme. A opção em Brazilândia foi por um desenho americano — “Os Simpsons” — e apostamos na nossa sensibilidade em conseguir além do óbvio divertimento ir além e realizar uma crítica à sociedade de consumo e seus valores. Os personagens são considerados emblemáticos do modo de vida alienado e insustentável dos americanos de classe média e é justamente a alienação e visível ignorância do pai e do filho que resulta em situações hilárias. A mãe, uma

típica dona de casa americana, inexplicavelmente convive com as arbitrariedades do marido e não reage ao ver o filho seguir o caminho do pai. O contraponto à alienação é a filha mais velha que questiona e tensiona, mas não tem capacidade para mudar a realidade. O filme trata superficialmente da questão ambiental, parodiando situações de degradação ambiental e ausência de tratamento de resíduos que resultam em uma situação de devastação cuja solução é o isolamento da cidade.

Para aproximadamente 30 crianças propomos que depois da sessão refletissem juntas e expressassem com o material disponível (papel, lápis de cor, giz de cera) sua compreensão do filme. Houve interação entre o grupo presente, discutimos a questão, permitindo que as crianças expressassem livremente o seu entendimento sobre o tema, propondo soluções e relacionando o filme à experiência vivida no seu cotidiano, expondo seus valores, a dinâmica familiar e comunitária.

No encontro seguinte, contrariando nossas expectativas, o grupo não era o mesmo. Surge então a questão: como fica a questão da continuidade do projeto, com questões a ser trabalhadas em diferentes perspectivas em vários filmes, em um espaço propício a dispersão? O cinema é um elemento que contribuiria para a dispersão, porque ele pressupõe uma rotatividade, e um filme costuma ter quase duas horas de duração, exigindo tempo e atenção?

Um aspecto característico relevante das escolas foi o fato de que em nenhuma oficina anterior foi possível desenvolver um trabalho continuado com um mesmo grupo. Tínhamos um público flutuante, que precisava ser convencido e seduzido semanalmente. Foi com eles que construímos o debate e a reflexão, mostrando que existem vários valores e modelos de comportamento, dependendo do contexto sociocultural.

Outro exemplo que ilustra essa problemática é o da oficina realizada no Centro de Ensino Fundamental 519, de Samambaia. Nesse encontro o filme selecionado foi o curta-metragem “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado que faz uma crítica à sociedade de consumo ao seguir a “trajetória” de um tomate, desde sua produção, venda, consumo e sua transformação em dejetos. O público encontrou dificuldade para compreender a mensagem do filme, pois não conseguia se concentrar na história, talvez devido à idade, cuja faixa-etária variava de 10 a 14 anos. A falta de adesão dos jovens ao filme abriu novamente a discussão sobre os critérios de escolha dos filmes. Ao mesmo tempo em que queríamos temas para debate e reflexão, não queríamos tirar o prazer do cinema. O lazer é um aspecto relevante nesse programa e sabemos que muitas vezes as atividades do Escola Aberta são as únicas opções de lazer que a comunidade tem.

Também não queríamos adotar uma posição de

arbitrar quais os filmes que são “bons”, reduzindo a discussão sobre cinema comercial ou americano e filmes não comerciais. Partimos do princípio de que cada filme tem conteúdo para reflexão e que apresentar diversos tipos qualifica o debate, além de apresentar um olhar diferente para os mesmos filmes de sempre. Portanto, não escolher filmes comerciais que representam a cultura de massa, que propagam o modelo americano como se fosse o único

“a arte permite que vejamos o mundo e a realidade a partir de uma linguagem esteticamente elaborada e o cinema pode vir a ser um material didático poderoso na condução de debates e reflexões em sala de aula”

modelo válido, não parece ser atitude acertada, visto que o conteúdo desses filmes, os valores que eles veiculam já fazem – de alguma forma – parte da tessitura cultural, incidindo nos costumes e no imaginário popular e da sociedade global como um todo. Identificar esses valores e posteriormente refleti-los, problematizá-los e debatê-los de forma horizontal é que se faz importante na medida em que construímos juntos uma compreensão dos motivos que levam a maioria das crianças e jovens a se identificarem com um tipo de produção cultural e não outras. Dessa nossa posição emerge mais umas características da pesquisa-ação crítica que consiste em:

(...) considerar a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da metodologia da investigação. Nesse caso, a metodologia não se faz por meio das etapas de um método, mas se organiza pelas situações relevantes que emergem do processo. (FRANCO, 2005)

E foi assim, nessa relação onde nós e a comunidade construímos juntos a atividade e seus conteúdos, que criamos nosso espaço de aprender e ensinar. Nesse movimento de descrever uma prática e refletir sobre, pretendemos contribuir para qualificar a extensão universitária e o trabalho em comunidade. Percebemos em nosso trabalho que da comunidade emergem múltiplos sentidos e possibilidades cognitivas. Como nossa intervenção tem objetivos específicos e um tempo determinado, tivemos que

decidir, quais os sentidos entre tantos que iríamos privilegiar: diversão, cultura, reflexão crítica sobre os valores da sociedade de consumo e nosso papel dentro dela.

Dessa escolha resultou uma prática que, em nossa avaliação, conseguiu articular os saberes acadêmicos aos saberes populares, realizando o que Santos (2006) denomina ecologia dos saberes, indicando mais um caminho para se pensar a sustentabilidade da educação popular e seu potencial para mudanças significativas na direção da emancipação e liberdade.

Quando focamos o olhar sobre os acontecimentos do dia a dia, analisando-o através de uma lente – o cinema – possibilitamos aos participantes observar seu cotidiano de maneira crítica, fazendo com que os costumes – estabilizados e naturalizados – sejam postos em discussão, possibilitando, assim, que as crianças e jovens possam, elas mesmas, modificar sua realidade, interferindo nela em uma ação concreta de desvelamento de mundo.

“Nesse sentido, a educação deve portar um caráter transformador, voltado aos contextos de marginalização de indivíduos e grupos, e à banalização do ambiente transformado em mercadoria.” (MAKIUCHI, 2005:61)

O sujeito que percebe criticamente sua realidade tem condições de conceber estratégias para melhorar sua vida e de sua comunidade. Assim, desfaz-se o “círculo” em que o Outro é o modelo. É nesse sentido que a percepção crítica da realidade, associada a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver uma atividade na comunidade requer sensibilidade da parte do oficinairo para perceber os desejos e necessidades da mesma. O exercício de investigação é o ponto de partida fundamental para obter o sucesso na prática social. Estimular a atividade crítica é fazer que o indivíduo deixe de ser apenas um receptor passivo do conhecimento e torne um executor de atos concretos no meio em que estão inseridos.

O cinema contribui para o reconhecimento das várias realidades do mundo, tornando possíveis várias narrativas simultâneas e, a partir de um trabalho pedagógico de perspectiva crítica, podemos problematizar e contextualizar a experiência vivida pelos grupos com os quais trabalhamos a partir do debate sobre a função social dos filmes. Os filmes enquanto imagem e espetáculo permitem certas vivências e práticas de emoções que a vida real embota e impossibilita.

Diante de um quadro social negativo, frequentemente carregado de problemas de diversas naturezas,

como pressão social, desemprego, falta de lazer, conflitos domésticos e solidão em que as comunidades populares vivem, o vídeo funciona como um instituidor da ordem e da paz, um retorno a um paraíso, obrigatoriamente esquecido. No entanto, é evidente que essa perspectiva, embora legítima, é falsa em sua própria forma, pois os problemas permanecessem, embora camuflados e recolhidos, permanecem ocultos.

Entendemos que não exista uma fórmula a ser seguida, que a tendência a homogeneizar uma prática é nociva e impede o pensamento crítico. Somente exercitando uma prática diferente, na qual diferentes dimensões e saberes sejam contemplados é que encontramos o nosso caminho. O importante é haver essa reflexão e uma abertura ao desconhecido, à curiosidade, tentar estabelecer relações, selecionar o que interesse do que nem tanto, hierarquizar e priorizar áreas e ações, articulando o que está dissociado e distinguido e de distinguir o que está indissociado.

A fim de explicitar os mecanismos de reprodução cultural padronizada e hegemônica, mostramos que a visão de mundo se dá por meio de sedimentação histórica de modelos e padrões que permeiam a vida social humana. Esses padrões foram e são construídos pela história do homem e nosso trabalho passa pela tentativa de transformação da cultura a partir de um processo pedagógico de crítica e reflexão.

Paulo Freire (1979), em seu livro Educação e Mudança, diz que “o homem quando compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções para ela, acabando por transformá-la”. Esse é o desafio: nos educar na relação entre homens e mulheres e mudar o mundo. ■

Referências

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação: Educação e Pesquisa. São Paulo. v-31, n 3. P. 483-50. set/dez. 2005.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12. [S. l.]: Ed. Paz e Terra, 1979.

_____. Pedagogia do Oprimido. RJ: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir. de Um Sonho: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

MAKIUCHI, Maria de Fatima Rodrigues. Tessituras de uma rede: um bordado social. Brasília: CDS, 2005. (Tese de doutorado)

SANTANA, Monaliza Angélica. O sorriso de Mona Lisa: direcionamentos para o trabalho em sala de aula.

TAVARES DE SÁ, Irene. Cinema e Educação. Ed. Livraria Agir: Rio de Janeiro, 1967.